

RESENHA
GRUPO FOCAL NA PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

REVIEW
GRUPO FOCAL NA PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Karine Correia dos Santos de Oliveira¹

karineletras@yahoo.com.br

A obra *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*, de Bernardete Angelina Gatti, foi publicada em 2012, pela editora Liber Livro da Série Pesquisa, número dez. É um texto de apresentação da “técnica” do grupo focal, direcionado a ser utilizado entre profissionais, e não com fins didáticos, de professora para alunos da educação básica ou de quaisquer outros profissionais para os sujeitos com os quais trabalha, por exemplo. Em outras palavras, na exposição de Gatti, o grupo focal é sugerido para aqueles grupos em que questões são levantadas, discutidas ou, até mesmo, podem ficar abertas, para serem debatidas entre profissionais, como entre professores de alguma instituição ou cidade, com seus colegas de profissão. Não se aplicaria do mesmo modo a uma sala de aula, na educação básica, em que existe um projeto de ensino, um plano de aula e planejamentos sobre os conteúdos que serão ensinados, até o final do ano letivo. O professor de língua portuguesa trabalha com crianças ou adolescentes em formação, que necessitam mais de reflexões didáticas, sobre questões científicas. Além disso, os alunos da educação básica estão aprendendo a se responsabilizarem pelos seus dizeres de maneira gradual, pois estão em fase inicial de construção identitária e de conscientização dos deveres e direitos públicos. Isso, sem aprofundar a discussão envolvida na formação voltada para a vida cidadã, capacitando para interferências em diferentes realidades da vida diária.

Nas discussões entre profissionais, as trocas envolvem formações, posicionamentos ideológicos, legislações, estatutos, normas internas e todo um conjunto de acordos instituídos no dia a dia da profissão. A heterogeneidade dos grupos interfere na formação dos sujeitos,

¹ Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), sob orientação da Professora Doutora Juliana Alves Assis e Professora de Língua Portuguesa da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte-PBH.

independentemente da maneira como o sujeito é integrado ou se integra. Pode demorar mais ou menos, mas a heterogeneidade se mostra. Entretanto, a discussão é mais complexa que essa dualidade e não é possível fazer uma caracterização geral de todo e qualquer grupo de professores aqui com observações fragmentadas, muito menos com uma breve exposição em uma resenha de obra sobre método de organização de grupos de trabalho. Cada grupo necessita de estudo e vivência específica. A técnica do grupo focal seria, resumidamente, a eleição (ou a inserção?) de um terceiro sujeito em um grupo de profissionais tradicionalmente constituído ou em constituição. O professor de língua portuguesa, quando recebe um estagiário ou um pesquisador, em sala de aula está vivenciando algo semelhante a um grupo focal? Penso que não, pois são grupos semelhantes em alguns aspectos e diferentes em outros. A justificativa pode seguir a reflexão anterior.

A utilização de metodologias qualitativas, que fundamenta o grupo focal, é uma discussão um pouco recente no âmbito das ciências humanas, sociais e linguísticas, porque foi nos fins do século XIX que alguns cientistas começaram a questionar o uso de apenas métodos quantitativos, em defesa de uma investigação também sobre a compreensão dos sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas ações, e não apenas a significados de determinados grupos. (ANDRÉ, 1995).

Bernadete Angelina Gatti, autora do livro, é doutora em Psicologia pela Université de Paris VII, com pós-doutorado na Pensilvannia University (USA) e na Université de Montréal (Canadá), é coordenadora do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas (FCC) e docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), atuando no Programa de Pós-graduação em Educação, na área de Psicologia da Educação. Publicou vários livros e mais de cem artigos em revistas especializadas, no Brasil e no exterior. Suas principais áreas de pesquisa são Formação de Professores, Avaliação Educacional e Questões de Pesquisa Científica.

No primeiro capítulo, *Introduzindo o grupo focal*, a professora cita algumas áreas do conhecimento brasileiras (educação, serviço social, sociologia, saúde, dentre outras.), em que o grupo focal já foi utilizado. Na página nove do livro, o grupo focal é exposto como uma técnica que permite fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar.

Nesse mesmo capítulo, a autora ainda dá algumas dicas detalhadas para aqueles que queiram trabalhar com o grupo focal. A primeira delas é sobre a necessidade de haver correspondência com os objetivos da investigação. Antes do dia do primeiro encontro com o

grupo, por exemplo, o moderador deve elaborar um roteiro. É ele quem deve manter o foco da discussão e tentar levar os participantes a se sentirem integrados e motivados a participarem. Gatti (2012), no segundo capítulo, *Organização e desenvolvimento do trabalho com grupos focais*, mais especificamente no primeiro subtítulo, *A composição do grupo*, menciona algumas etapas de preparação e aplicação do método considerando variáveis como quantidade mínima e máxima de integrantes, número de grupos, critérios de escolha de participantes, idade, classe social, profissão, gênero e experiências com o tema. No segundo subtítulo, *Local de sessões e registro das interações*, aborda os aspectos envolvidos com a organização do espaço físico do encontro, as várias formas de registro dos dados e a preparação, com vistas a garantir o funcionamento dos equipamentos, dentre outras preocupações envolvidas com atividades de investigação. Também enfatiza que a discussão das etapas junto com os envolvidos é imprescindível. Em *O moderador e o desenvolvimento do processo grupal*, terceiro subtítulo, várias ações metodológicas são sugeridas ao moderador, que fará as suas escolhas de acordo com sua pesquisa, objetivos, hipóteses e resultados esperados. Apesar de toda a preparação, a autora adianta que

Os grupos são imprevisíveis em seus comportamentos, havendo grupos que se engajam rapidamente no trabalho e nos quais a discussão flui com entusiasmo, enquanto há outros grupos que se mostram reticentes, cautelosos. Há grupos compostos por pessoas que não estão habituadas a participar de reuniões e que têm muita dificuldade de expressar o que pensam em uma situação como a do grupo focal. (p. 33).

Alguns caminhos para essas dificuldades no campo de pesquisa, no que diz respeito à questão da imprevisibilidade, são enumerados e explicados pela autora. No quarto subtítulo, *O moderador e as interações grupais*, há uma reflexão sobre a responsabilidade do pesquisador em campo em ocupar-se também do cumprimento do planejado no registro dos dados.

No terceiro capítulo, *A análise dos dados obtidos com o grupo focal*, o processo de interpretação dos dados é exposto como um movimento, assim como as etapas anteriores, dependente da retomada dos objetivos do estudo. Há também direcionamentos possíveis sobre organização das informações. Com o primeiro subtítulo desse capítulo, *Deslindando significados e sentidos*, a autora reconhece que não existe um modelo padrão para verificar os registros de todas as pesquisas. Por isso, ela sugere algumas ações possíveis, a partir de exemplos de investigações com grupos mais ou menos estruturados. O segundo subtítulo, *Classificação ou codificação do material*, é sobre a fase em que o pesquisador necessita eleger categorias analíticas. A autora recomenda que

Na busca das compreensões do grupo, cabe lembrar que não é suficiente somar as codificações processadas em nível individual. Há sempre a necessidade de interpretações que transcendem essa agregação em função de aspectos da dinâmica grupal. (p. 51).

Ela também admite ser possível recorrer a programas de computador que fazem uma pré-seleção das unidades. Em *Análises quantitativas*, terceiro subtítulo, os métodos quantitativos são entendidos como um aspecto que deve ser justificado no âmbito da pesquisa. Além disso, apoiando-se em literatura específica para cada método. No quarto e último subtítulo, *Pontos básicos a lembrar*, alguns conselhos gerais sobre a dinâmica do grupo focal são dados: a importância da troca de experiências, da vivência com a geração dos dados e a seleção para análises, o cuidado com as opiniões do pesquisador, o agenciamento de vozes e os recursos gráficos.

Na sequência, com o seu quarto capítulo, Gatti (2012) apresenta sete pesquisas de diferentes áreas que utilizaram o grupo focal. A autora recupera os agentes envolvidos, os objetivos, alguns detalhes metodológicos e os resultados, sem apresentar nenhum detalhe das subjetividades envolvidas no processo de pesquisa. Este texto focaliza o público-alvo de cada pesquisa, informando também a área de pesquisa. O primeiro estudo foi realizado com adolescentes, para verificar problemas ligados à comunicação familiar. O segundo, com alunos universitários de vinte e seis cursos diferentes, iluminando relações entre a formação acadêmica e a inserção no mercado de trabalho. O terceiro foi realizado com idosos e adolescentes, objetivando integrar gerações. O quarto se valeu de diferentes profissionais da saúde (médicos, enfermeiras e agentes de saúde), destacando semelhanças e diferenças no modo de trabalho. O quinto grupo é de alunos do terceiro ano do ensino médio, abordando conflitos ligados à escolha do curso universitário. A sexta pesquisa ocorreu com produtores rurais e engenheiros agrônomos, verificando de que maneira as semelhanças e diferenças em modos de pensar concorrem para que o trabalho seja mais efetivo. Por fim, a sétima pesquisa aconteceu com pessoas hipertensas, na tentativa de entender comportamentos positivos ou negativos para a saúde desses sujeitos.

No quinto e último capítulo, *Potencialidades e limitações*, Gatti (2012) distingue e explica algumas diferenças entre as entrevistas coletivas e o método do grupo focal. A professora defende o segundo como mais promotor de expressão das subjetividades e trocas entre os participantes. As limitações e dificuldades do método também são expostas, possibilitando que o leitor possa escolhê-lo ou não, ficando claro que o leitor, para

compreender os posicionamentos da autora, deverá tentar posicionar-se como moderador ou do pesquisador que prepara sua entrada em campo.

O livro *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*, de Bernardete Angelina Gatti (2012), é um texto com frases curtas, com possibilidades de leituras que, assim, possam nortear interessados em métodos em que o moderador esteja com um olhar voltado para a constituição institucional, do grupo e não para questões individuais ou subjetivas. Desse modo, o grupo de profissionais estaria voltado para um problema comum, em função de resolverem. O professor, nesse caso, ilustrativamente, necessitaria desviar, momentaneamente, seu olhar do projeto de ensino, do planejamento diário, de seus pares profissionais da disciplina específica língua portuguesa, para ver um ponto do grupo focal, eleito pelo grupo de professores da escola. Uma forma mais pontual e, segundo Gatti (2012), efetiva, na resolução de problemas educacionais. A efetividade dependerá do maior entendimento do grupo de professores sobre o todo da pesquisa. Por fim, o livro pode contribuir com aqueles interessados em conhecer e pensar os caminhos que as pesquisas aplicadas podem seguir, nos rumos das ciências humanas e sociais, a partir de uma metodologia qualitativa.

Referências

ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 1995.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2012.